

A Medalha

Marie-Thérèse Picard

*Às crianças que trotam nas minhas lembranças passadas e por vir
Aos baluartes familiares sacudidos pela espuma dos tempos*

*Tradução: Dennys Silva-Reis¹
Marcos Bagno²*

Resumo: Marie-Thérèse Picard é guianense que reside há muitos anos em Guadalupe. É professora e ama o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem. Em 1991, fundou em Pointe-à-Pitre o Centro de estudo Polivalente, uma associação de reforço escolar. Igualmente é escultora e pintora, tendo exposto suas obras na Guiana e em Paris. Já na literatura, dedica sua escrita à dramaturgia infanto-juvenil, tendo escrito *Ourson* (2009), *La Médaille* (2011) e *L'enfant* (2013). Por todos esses

1 Professor Adjunto de Literatura de Expressão Francesa na Universidade Federal do Acre (UFAC), Doutor em Literatura (POSLIT/UnB) e Mestre em Estudos de Tradução (POSTRAD/UnB) pela Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Letras-Tradução e licenciado em Língua Francesa e respectivas literaturas pela mesma universidade (UnB). É professor credenciado do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (MEL/UNIR) e do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPGLEN/UFRJ).

2 Tem graduação em Letras (Bacharelado em Língua Portuguesa) pela Universidade Federal de Pernambuco (1991), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (1995) e doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2000). É professor Associado do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Tradução, Sociolinguística e ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: prática de tradução francês/português, ensino de português, sociologia da linguagem, política linguística, gramática tradicional e português brasileiro. Já traduziu mais de 120 livros do inglês, do francês, do espanhol e do italiano. Tem visitado universidades na Argentina, Uruguai, México, Paraguai, Colômbia, Espanha, Itália, Finlândia e Alemanha onde sua obra é objeto de estudo.

textos já foi premiada em diversas categorias pelo Prêmio de escrita teatral contemporânea no Caribe – ETC-Caraíbe.

A presente tradução ao português tem por objetivo apresentar um texto guianense infantil ao público brasileiro. O texto aparenta ser pragmático e direto pela voz de crianças. Entretanto, traz nas entrelinhas temas bastante contemporâneos: a violência, o machismo, a distinção de gênero, o determinismo familiar, o feminicídio. Tudo isso atrelado ao mundo imaginário da criança e ao contato desta com o seu tutor responsável.

Nota dos tradutores

Marie-Thérèse Picard é guianense que reside há muitos anos em Guadalupe. É professora e ama o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem. Em 1991, fundou em Pointe-à-Pitre o *Centro de estudo Polivalente*, uma associação de reforço escolar. Igualmente é escultora e pintora, tendo exposto suas obras na Guiana e em Paris. Já na literatura, dedica sua escrita à dramaturgia infanto-juvenil, tendo escrito *Ourson* (2009), *La Médaille* (2011) e *L'enfant* (2013). Por todos esses textos já foi premiada em diversas categorias pelo *Prêmio de escrita teatral contemporânea no Caribe – ETC-Caraíbe*.

A presente tradução ao português³ tem por objetivo apresentar um texto guianense infantil ao público brasileiro. O texto aparenta ser pragmático e direto pela voz de crianças. Entretanto, traz nas entrelinhas temas bastante contemporâneos: a violência, o machismo, a distinção de gênero, o determinismo familiar, o feminicídio. Tudo isso atrelado ao mundo imaginário da criança e ao contato desta com o seu tutor responsável.

Por se tratar de uma tradução teatral, a maior preocupação dos tradutores foi em manter a oralidade da peça nos diálogos. A fluidez oral desta tradução está centrada no registro infantil, já que os dois personagens são crianças que imaginam e vivenciam fatos juntos em um mesmo espaço, aparentemente, amazônico.

Boa leitura!

3 Texto de partida: PICARD, M-T. *La Médaille*. Manager – Belgique: Éditions Lasnman, 2014. Agradecemos a editora Emile Lasman por ceder os direitos de tradução desta obra em língua portuguesa.

OS PERSONAGENS:

O menino

A menina

1. O encontro

Uma mata, um rio, a margem. Um menino pequeno chega, se inclina, recolhe alguma coisa.

O Menino: Uma medalha! Nunca tem ninguém que passe por aqui!

(Quando ele se endireita, avista uma menininha de pé no meio do rio, com água acima da cintura, imóvel.)

O que você está fazendo no meio do rio?

(A menina não responde. Ele levanta a voz.)

O que você está fazendo no meio do rio?

A Menina: Estou com medo, vem me ajudar.

O Menino: Medo de quê?

A Menina: Do monstro, na água.

O Menino: Não tem monstro nenhum.

A Menina: Tem sim.

O Menino: Nunca vi nenhum, e depois, se você está com medo, basta sair.

A Menina: Não posso, não sozinha, estou com medo, vem me ajudar.

O Menino: Não quero me molhar. Você que se vire.

A Menina: Não vai embora! Não vai embora, vem me ajudar. Se você bater na água com um pau, ele vai embora, o monstro. Vem me ajudar.

O Menino: Não tem pau nenhum, não tem monstro nenhum.

A Menina: Tem sim, eu sinto ele... Ele já começou a me agarrar. Estou sentindo ele até a cintura, não posso mais me mexer. É como uma cobra que aperta minha barriga, estou sentindo... Está subindo pelo meu peito, não consigo mais respirar, não consigo mais respirar... Vem me ajudar.

O Menino: Não tem cobra nenhuma! Não tem monstro nenhum! Eu conheço o rio, é do meu pai, ele não pôs nenhuma serpente dentro! Nenhum monstro!

A Menina: Não consigo mais respirar! Não consigo mais respirar! Vou me afogar, vem me ajudar.

O Menino: Não quero me molhar.

A Menina: Apanha um pau, me ajuda!

O Menino (*hesita, depois recolhe um galho e começa a bater na água*): Tcha, tcha, cobras... Vão embora, a mocinha está com medo de vocês. Pronto, não tem mais cobra, não tem mais monstro!

(*A menina avança lentamente, sai da água com muita precaução. O menino lhe estende o galho para que ela suba pela margem. Ele continua a bater na grama, nas árvores. A menina se põe ao sol e se vira para o menino.*)

A Menina: Obrigado, você salvou minha vida.

O Menino (*um pouco irritado*): Você diz cada besteira.

A Menina: É verdade que o rio é dos seus pais?

O Menino (*ainda irritado*): Do meu pai. Não falei da minha mãe.

A Menina: Você não tem mãe?

O Menino (*um tanto exaltado*): Sim, eu tenho, e você, não tem?

A Menina: Claro que sim, eu tenho uma mãe e três irmãzinhas, todas parecidas, são bebês. Elas só sabem chorar e eu tenho que cuidar delas. E você? Tem irmãs? Irmãos?

O Menino (*sempre exaltado*): Não é da sua conta.

A Menina: Você é sempre assim, rabugento?

O Menino: Cuida da sua vida.

A Menina: Como você é mal-educado!

O Menino: Não me enche.

A Menina: Você é sempre assim? Você podia ser simpático, a gente podia brincar.

O Menino: Eu não brinco com putas.

A Menina: Eu não sou puta! Se eu sou uma puta, você é... você é um... um... um...

O Menino: Vai lá, diz.

(*Ele avança, ameaçador.*)

A Menina: Minha mãe sempre diz que a violência é para aqueles que não têm nada dentro da cabeça ou nada dentro das calças! Você não tem nada dentro das calças e não me dá medo!

O Menino: Puta, piranha, nojenta!

A Menina: Nojento é você!

(*O menino se descontrola e bate na menina com o galho. Ela cai no chão tentando se proteger.*)

O Menino: E agora? Tô sem saco pra te escutar, tô sem saco pra te ouvir gritar e cacarejar feito uma galinha. Vou te fazer calar a boca de uma vez. Ouviu? Ainda quer pedir alguma coisa? Ainda quer me dizer alguma coisa? Você não passa de uma mulher imunda, uma mulher imunda!

A Menina (*chorando, gritando*): Para, para! Você é louco.

2. Violência

O Menino (*golpeando a menina*): Cala a boca! Cala a boca! Eu vou te fazer calar a boca, calar de uma vez por todas! Toma isso, e mais isso. (*Ele para de bater quando ela deixa de se mexer. Ele larga o galho e fica imóvel. Silêncio. Dá leves pontapés para fazê-la se mexer. A menina permanece inanimada.*) Ei, levanta! Por favor, levanta, eu não queria te machucar, não queria te ferir. Foi o sangue que me subiu pela cabeça. Meu pai sempre diz isso... e minha mãe se levanta. Então, levanta, levanta... Eu não queria te machucar... Olha só, o bem-te-vi voltou para o ninho e... e ele te cumprimenta. Eu te imploro, levanta... levanta...

(*A menina não se mexe. O menino sai, ouve-se o barulho do vento... Ele retorna e, devagar, entra na água e puxa o corpo.*)

Ah, menina, eu não queria, sabe... o diabo aqui dentro foi mais forte que eu... Você é bonita quando dorme feito uma princesa... Se eu pudesse te despertar. Mas eu não passo de um sapo feio, de um diabo feio, de um inútil, um que vale menos que nada. Vai lá, dormir nas águas do meu rio, tem o barulho do vento pra te ninar e os raios do sol pra te aquecer... Não tem monstro nenhum... aí dentro.

(*Ele vai embora... e o rio traz o corpo de volta à margem. O corpo se mexe, a água reanima a menina que lentamente se levanta. Ela se vale do galho para se erguer e sair do rio. O menino volta. Dispara rumo à menina.*)

Você está viva? Você está viva!

A Menina: Fica longe, sapo maldito, ou eu parto essa tua cara feia cheia de baba. Fica longe!

(*O menino não obedece à advertência e se aproxima da menina que lhe desfere um golpe forte com o galho. Ele cai desmaiado dentro do rio. Ela o empurra com o pé, como ele tinha feito com ela.*)

Eu tinha dito pra você ficar longe, chegou perto porque quis!

(*Ela joga fora o galho e desaba sobre a grama. O menino sai da água e, esgotado, se deita ao lado dela. Ele estende a mão para o sol, a menina também estende a mão. Eles se baixam juntos. Permanecem deitados, de mãos dadas.*)

Você acha que estamos do outro lado?

O Menino: Não, nós não atravessamos.

A Menina: Não daquele lado de lá.

O Menino: Como assim?

A Menina: O outro lado... da vida.

O Menino: Quer dizer...?

A Menina: Sim. Você acha que estamos mortos?

O Menino: Acho que sim. Você bateu com muita força. Se eu estivesse vivo, estaria com uma bela mancha roxa.

A Menina: Você também bateu com muita força! Estou me sentindo toda despedaçada, feito uma manga madura demais que rolou pela árvore abaixo. Era pra ter sangue por todo lado.

O Menino: Não tem.

A Menina: Você olhou?

O Menino: Não.

A Menina: Por que diz que não tem?

O Menino: Porque estamos mortos. Então, não tem sangue.

A Menina: Olha.

O Menino: Não.

A Menina: Por quê?

O Menino: Tenho medo.

A Menina: De quê?

O Menino: Do sangue.

A Menina: E se não tiver?

O Menino: Não quero olhar. Se quiser, olha você.

A Menina: Não consigo.

O Menino: Por quê?

A Menina: Também tenho medo.

O Menino: De quê?

A Menina: Do sangue.

(Silêncio.)

O Menino: Sua mão está fria como gelo.

A Menina: A sua também.

O Menino: É porque estamos molhados.

A Menina: Não acho... está fazendo sol.

O Menino: Então é...

A Menina: É, está tudo frio.

O Menino: Você está com tudo frio?

A Menina: Estou, até mesmo a ponta do pé.

O Menino: Eu também.

A Menina: E então?

O Menino: Estamos mortos, sem dúvida.

A Menina: E o que vai acontecer?

O Menino: Ora, nada.

A Menina: Ora, se estamos mortos, basta fazer como os mortos. Os mortos andam desse jeito. (*Ela estende os braços como um fantasma.*) E podem fazer um monte de bobagens, pregar peças, porque ninguém vê eles.

O Menino: Não tem ninguém aqui, de qualquer modo.

A Menina: Você tem medo?

O Menino: De quê?

A Menina: De estar morto!

O Menino: Pfuff...

A Menina: Você tem medo de estar morto?

O Menino: Me deixa!

A Menina: Você não responde! Tem medo de estar morto!

O Menino: Vai me encher de novo?

A Menina: Quanta raiva! Vai me bater?

O Menino (*erguendo a voz*): Não consigo, não consigo mais, estou morto! Entendeu? Estamos mortos!

A Menina: Não precisa gritar, não tem ninguém aqui, só eu! E depois, eu sei, estamos mortos, estamos mortos!

(*Longo silêncio.*)

3. Confidência

A Menina: Estamos mortos, então eu posso brincar, todo o tempo que quiser. E não vou precisar mais cuidar dos bebês.

O Menino: Sim! Estamos mortos, ninguém precisa mais se esconder.

A Menina: Você se esconde por quê?

O Menino: Bem... eu tenho vontade... Pra não ouvir mais os gritos...

A Menina: Estamos mortos, chega de gritar, chega de chorar.

O Menino: Eu não choro!

A Menina: Com certeza! Estamos mortos, chega, chega... Você podia me ajudar.

O Menino: Não sei, minha cabeça está vazia.

A Menina: É sério! Estamos mortos, chega de estender roupa.

O Menino: Estamos mortos, chega de decorar a tabuada.

A Menina: Estamos mortos, você acha que vamos encontrar fantasmas?

O Menino: Acho, fantasmas, com certeza.

A Menina: Acha que vamos ser todos amigos?

O Menino: Acho, dos fantasmas, com certeza.

A Menina: Por que não vemos eles?

O Menino: Eles ainda não sabem que estamos mortos, eles vão aparecer.

A Menina: Você não tem medo dos fantasmas?

O Menino: Bem... eu nunca vi um... antes... antes de estar morto. Vai, continua!

A Menina: Estamos mortos, chega de castigo.

O Menino: Estamos mortos, chega de fazer xixi na cama.

A Menina: Você faz xixi na cama?

O Menino (*rindo*): Sim, com certeza. Continua.

A Menina: Estamos mortos. (*Ela põe uma das mãos na cintura, imitando a mãe, e agita um dedo junto ao nariz do menino.*) Você fez seus deveres, arrumou seu quarto? Sua toalha no banheiro parece um pano de chão, acha que sou sua empregada? Faz isso, faz aquilo... terminou? Não? E por quê?

O Menino (*interrompendo-a*): Não, não fiz isso, nem aquilo! E nunca mais vou ter que fazer!

A Menina: Não me interrompe quando eu estiver falando e olha bem dentro dos meus olhos!

O Menino: Esse seu jogo é idiota, não quero mais brincar. Não tem graça nenhuma brincar de vida de verdade... senão, do que adianta estar morto? Não tem graça nenhuma!

A Menina (*sem escutar*): Você não sabe absolutamente nada... Malcriado! Inútil! Ainda bem que você está morto, senão... Vamos, sente-se, você não ouviu a campainha? As aulas vão começar. Pegue seu caderno e o livro de matemática. Espero que tenha feito seus deveres e, sem hesitar, me diga quanto é $100+1:624 \times 745+1000-63 \times 2-5$... como os cinco dedos da sua mão.

O Menino (*resmungando*): Coisa de menina, essas tuas brincadeiras... Você é boba!

A Menina: Mas é tão fácil! Olha só! Se eu subtraio dois e multiplico por três, e deixo bem quentinhos os cinco dedos da mão, a mão direita, não a mão esquerda, porque se for a esquerda, muda tudo! Essa aqui, ela esquece de tudo e deixa tudo escapar! Então, pronto, só resta um.

O Menino: Um o quê?

A Menina: Um dedo! O polegar para chupar! Você realmente não sabe brincar. Tudo bem! Ponham-se em fila e saiam, é hora do recreio, peguem sua merenda!

O Menino (*repentinamente emburrado*): Não tenho merenda, nunca tenho merenda!

A Menina: Sua mãe não te dá?

O Menino: Não.

A Menina: E por que você mesmo não prepara sua merenda?

O Menino: Não posso. Sou proibido de mexer na geladeira.

A Menina: E se mexer?

O Menino: Levo uma surra.

A Menina: Do seu pai?

O Menino: Não.

A Menina: Da sua mãe?

O Menino: Sim. Chega de fazer tanta pergunta.

A Menina: Tudo bem. De qualquer jeito, você está morto, não precisa de merenda...
Está triste?

O Menino: Não sei.

A Menina: Eu sei quando estou triste.

O Menino: Eu não sei, é todo tempo a mesma coisa.

A Menina: Como assim?

O Menino: Humm... não sei... não sinto nada.

A Menina: Nem mesmo quando está feliz?

O Menino: Feliz? Quando?

A Menina: Quando está contente, quando a vida é bela...

O Menino: Sei lá... é todo tempo a mesma coisa.

A Menina: E aí? Aí no seu coração, não sente nada?

O Menino: Sinto, é agitado, como a água quando a gente atira pedras nela.

A Menina: Dói?

O Menino: Não, já me acostumei.

A Menina: E na sua cabeça, tem o quê?

O Menino: Humm... nada.

A Menina: Não tem pensamentos?

O Menino: Não.

A Menina: Não é possível! Aqui, agora, nesse instante, você está pensando em quê?

O Menino: Humm... em nada.

A Menina: É impossível não pensar.

O Menino: É possível, sim, basta treinar. Eu não penso. Nunca. Presto atenção em não refletir.

A Menina: Por quê?

O Menino: Não gosto. É como se eu caísse num buraco. Minha cabeça dói... ou então fica tudo vermelho lá dentro e então preciso bater, bater! Aí eu não penso, é mais fácil!

A Menina: Você bate, bate, como agora há pouco, quando me...?

O Menino: Sim, quando te matei.

A Menina: Não estamos mortos.

O Menino: Estamos sim! De todo modo, não estou me sentindo como de hábito.

A Menina: Você se sente como?

O Menino: Um pouco... um pouco leve. Sim, é isso, leve!

A Menina: Isso é estar contente, não é estar morto.

O Menino: Ah, é? Então é bom. Estou contente por ter matado você. (*Silêncio*) E por ter me matado. (*Após um silêncio*) E você, você também se sente leve?

A Menina: Sim.

O Menino: Então você vê que estamos mesmo mortos. Não se pode sentir a mesma coisa ao mesmo tempo, não é possível. A vida é cheia de sofrimentos... tudo te puxa, te sacode, em todas as direções, nunca é leve, nunca... Enfim, não a minha... (*Silêncio*) Eu ia preferir ter a sua vida, brincar com os bebês!

(*Ele se levanta, apanha o galho e golpeia a grama à sua volta. Aproxima-se da água e bate na água. A menina se aproxima dele.*)

A Menina: Sim, mas não é leve o tempo todo. Você quer que eu te conte?

(*Silêncio*)

O Menino: Não precisa, eu conheço muito bem a vida “não leve”. (*Silêncio*) Eu acredito que a gente pode morrer várias vezes!

A Menina: Você já morreu?

O Menino: Já, um monte de vezes.

A Menina: Quando foi a última vez... quer dizer, antes de eu te matar?

O Menino: Hoje de manhã... Minha mãe me empurrou... *Pam...* minha cabeça bateu na parede com tanta força... achei que ela ia explodir. Isso fez minha mãe rir... e depois ela chorou. Eu senti que estava indo embora... não conseguia mais me mexer e tudo balançava, balançava por dentro como um barco na água... Não conseguia fazer mais nada, mais nada... nada. E minha mãe, ela também não fez nada... nada... nada... nada.

A Menina: Talvez ela...

O Menino (*interrompendo-a*): Não pergunte, não diga nada... nada.

A Menina: Mas...

O Menino (*interrompendo-a*): Não diga nada!

A Menina: Ela, eu...

O Menino (*interrompendo-a de novo*): Não pergunte, eu já disse.

A Menina: Se você quiser, eu posso ser sua irmázinha.

O Menino: Não precisa.

A Menina: Você disse que se sentia leve.

O Menino: Já passou, e a culpa é sua com essas perguntas todas.

A Menina: Você vai ficar furioso de novo?

O Menino: Não, não, não consigo. Estamos mortos, esqueceu?

A Menina (*apanhando uma pedra*): Tenho certeza que atiro pedras mais longe que você. Olha.

O Menino: Você atira feito uma menina. Para atirar longe, tem que atirar agachado, desse jeito. Viu? A pedra ricocheteia... ela corre sobre a água como uma mosca.

A Menina: O seu ricocheteio faz um barulho bonito... Olha, a água se arrepia. Ela está com frio, você não acha?

O Menino: É o frio da morte.

A Menina: Isso vai acordar o monstro!

O Menino: Não tem monstro nenhum.

A Menina: Tem sim, tem um. Eu estava dentro d'água, se esqueceu? (*Silêncio. Continuam a atirar pedras*) O rio, ele é mesmo do seu pai?

O Menino: É, e quando eu for grande, vai ser meu... Mas... é mesmo, nós nunca seremos grandes, nós estamos... (*Silêncio*) E a sua mãe, ela vai ficar triste.

A Menina: Ah, sim, com certeza. E a sua?

O Menino: Não sei. Meu pai sim, com certeza.

A Menina: Se você quiser, posso ser sua irmã.

O Menino: Não precisa, eu já disse! Não ouviu? Você faz de propósito!

A Menina: Você não pode ser gentil, nem mesmo um pouquinho?

O Menino: Não precisa! Não preciso de irmã, não preciso de mãe, não preciso ser gentil, nós estamos mortos! Você ainda não entendeu? NÓS ESTAMOS MORTOS!

(*A menina se levanta e volta para o rio, o menino a segue*)

4. Matar o monstro

A Menina (*ofendida*): Me dá o galho.

(*A menina entra no rio*)

O Menino: Você perdeu o medo da água?

A Menina: Não tenho mais medo de nada, não tenho nada a temer, já estou morta... Você me matou, já esqueceu?

O Menino: Não fica zangada, eu não queria!

A Menina: Você é que está sempre com raiva... Tá tudo bem. Toma, pega um pedaço do galho.

O Menino (*mais gentil*): Pra fazer o quê?

A Menina: Vamos matar o monstro.

O Menino: Não tem monstro nenhum.

A Menina: Tem sim, eu ouvi ele e estou vendo, olha ele ali, bem no meio. Dá pra ver o rabo que se enrola... Cuidado, pula, pula, não deixa ele te pegar.

O Menino (*obedecendo*): Ele tem rabo?

A Menina: Sim, feito uma cobra, e dois olhos grandes, vermelhos. Quando ele olha pra você, você cai hiponizado.

O Menino: Hiponizado?

A Menina: Isso, você não consegue fazer mais nada, fica encurralado! O mais importante é não olhar dentro do branco... do vermelho dos olhos dele! E quando ele te agarra com o rabo de cobra, ele se enrola em volta de você, você não consegue mais respirar e ele te puxa pro fundo... isso eu sei muito bem.

O Menino: Não estou vendo ele.

A Menina: Bate com o galho, vamos dar um susto nele, ele vai sair... (*A menina bate na água, o menino a imita*) Está vendo? Está vendo ele?

O Menino: Não, não vejo nada.

A Menina: Bate, bate com mais força!

O Menino: Toma, toma, toma, e toma mais! Sim, está lá... eu acho. Eu vi, eu vi! Ele deslizou entre as minhas pernas! O corpo dele é como o de um cão vadio, cheio de pelos amarelos. Eu vi a cara também, escancarada, com dentes de rato, e os cabelos...

A Menina: Você viu os cabelos?

O Menino: Vi, e os olhos...

A Menina: Você viu os olhos dele?

O Menino (*pensando melhor*): Quer dizer, não muito bem. Eu fechei meus olhos depressa, depressa, para que ele não me hiponizasse.

A Menina: O que mais você viu?

O Menino: As patas com dedos fendidos, como os de uma galinha.

A Menina: Nada disso, ele não tem patas, ele tem um rabo de cobra. Ele não pode ter as duas coisas!

O Menino: Tem sim, dobradas debaixo do rabo, ali estão as patas... Eu vi bem, ele deslizou entre as minhas pernas. As patas ficam bem encolhidas pra que a gente não veja. Desse modo, de repente, ele pula na sua garganta e te estrangula com um único golpe das garras, *tcham*... E você fica mergulhada em seu próprio sangue.

A Menina: E quando você não tem sangue?

O Menino: Todo mundo tem sangue.

A Menina: Não os mortos!

O Menino: Então você tem só um buraco, de onde sai água.

A Menina: Vai, bate na água, bate, temos que fazer ele sair... *Tcha, tcha*.

O Menino: *Tcha, tcha...* e depois.

A Menina: Ele tem que ir embora, deixar o rio.

O Menino: Se ele deixar o rio, vai andar pela terra, vai ser um lobo... um lobisomem.

A Menina: Não podemos deixar ele fugir, temos que matar ele. Ele come as almas das pessoas que entram no rio. É por causa dele que nós morremos! É por causa dele que temos água dentro do corpo! Vamos capturar ele, destruir ele e fazer ele devolver nossas almas.

O Menino: Sim, vamos capturar ele, destruir ele e fazer ele devolver nossas almas...

Tcha, tcha... Precisamos de nossas almas, engolidor de almas, devorador do tempo que passa.

A Menina: Onde você se esconde, monstro, fera, lobo...? Não temos mais medo de você... Você roubou nosso tempo de sermos grandes, mas nós, nós vamos apanhar sua vida... Onde você se esconde, monstro, fera, lobo...? Treme, fera, é a sua vez de ter medo. Me dá a sua mão, sua mão fria... vamos gritar juntos.

A Menina e o Menino (*em coro*): Onde você se esconde, monstro, fera, lobo...? Não temos mais medo de você... Você roubou nosso tempo de sermos grandes, mas nós, nós vamos apanhar sua vida... Onde você se esconde, monstro, fera, lobo...? Treme, fera, é a sua vez de ter medo.

O Menino: Precisamos de nossas almas, engolidor de almas, devorador do tempo que passa.

A Menina e o Menino: Precisamos de nossas almas, engolidor de almas, devorador do tempo que passa.

A Menina: Olha, vê só! Ele está ali, ele está ali! Agarra ele, agarra ele!

O Menino: Você é engraçada. Como é que eu agarro?

A Menina: Senta em cima dele, não deixa que ele se vire.

O Menino: Ele é todo gosmento, não vou conseguir.

A Menina: Então tenta outra coisa.

O Menino: Quem pensa é você, não eu. Eu não penso.

A Menina: Nem mesmo pra matar o monstro?

O Menino: Nem mesmo, quer dizer, um pouquinho sim.

A Menina: É preciso fazer uma oração.

O Menino: Pra que ele não se mexa mais.

A Menina: Isso mesmo, pra que ele não se mexa mais. Você sabe muitas, muitas orações?

O Menino: Não

A Menina: Bem, então você faz como eu faço e repete depois de mim. *Tcha, tcha, tcha* três vezes.

O Menino: Não.

A Menina: Você não faz catecismo?

O Menino: Não.

A Menina: Bem, então você faz como eu faço e repete depois de mim. *Tcha, tcha, tcha* três vezes.

O Menino: *Tcha, tcha, tcha* três vezes.

A Menina: *Tcha, tcha, tcha* três vezes.

O Menino: *Tcha, tcha, tcha* três vezes. A gente vai fazer só *tcha, tcha, tcha*?

A Menina: Não me perturba. Você quer ser hiponizado? Temos que começar tudo de novo. *Tcha, tcha, tcha* três vezes.

O Menino: *Tcha, tcha, tcha* três vezes.

A Menina: Eu me enganei. *Tcha, tcha, tcha* uma vez.

O Menino: *Tcha, tcha, tcha* uma vez.

A Menina: *Tcha, tcha, tcha* duas vezes.

O Menino: *Tcha, tcha, tcha* duas vezes.

A Menina: *Tcha, tcha, tcha* três vezes.

O Menino: *Tcha, tcha, tcha* três vezes.

A Menina: Pelo espírito santo e todos os santos do paraíso, o monstro, a fera, pelo bem-te-vi cantor, vai perder a vida.

O Menino: Mas o que é o bem-te-vi cantor?

A Menina: Mas é agora. Vai, agarra ele, segura ele bem, eu bato na cabeça.

O Menino: Não estou vendo a cabeça.

A Menina: Ali, olha, os dois olhos vermelhos de demônio que nos observam, depressa, ele vai nos paralisar, nos hiponizar, nos devorar.

O Menino: Estou segurando ele, estou segurando ele! Ai, levei um golpe do rabo de cobra! Ai, o maldito rabo de cobra!

A Menina: *Tcha, tcha, tcha*, pelo espírito santo e todos os santos do paraíso, o monstro, a fera, pelo bem-te-vi cantor, vai perder a vida.

O Menino: *Tcha, tcha, tcha*, pelo espírito santo e todos os santos do paraíso, o monstro, a fera, pelo bem-te-vi cantor, vai perder a vida.

(As duas crianças fazem a água ficar turva batendo cada vez mais forte e depressa com o galho; a água borbulha.)

A Menina e o Menino: *Tcha, tcha, tcha*, pelo espírito santo e todos os santos do paraíso, o monstro, a fera, pelo bem-te-vi cantor, vai perder a vida.

A Menina: Olha, a água está borbulhando, é o ar que está saindo das narinas dele.

A Menina e o Menino: Conseguimos, conseguimos! O monstro, a fera, o lobo, ele entregou a alma... O monstro, a fera, o lobo, ele entregou a alma, entregou a alma... O monstro, a fera, o lobo, ele entregou a alma, entregou a alma...

(As crianças voltam à margem do rio e se sentam, de mãos dadas. Esperam.)

O Menino: O que a gente faz agora?

A Menina: A gente espera... nossa alma vai voltar.

O Menino: Vai demorar?

A Menina: Não sei... Você é que devia saber, você já morreu várias vezes. Foi você que disse.

(Silêncio do menino.)

E então, o que temos de fazer?

O Menino: Ora... nada, esperar.

(Silêncio.)

A Menina: Ela não está vindo.

O Menino: A alma não volta assim fácil. Temos que esperar... Você continua com frio?

A Menina: Nos pés.

O Menino: Demora muito pra gente se esquentar. A morte começa pelos pés frios.

A Menina: Você já viu?

O Menino: Já.

A Menina: Quem?

O Menino: Minha avó.

A Menina: Como foi?

O Menino: Não como nós.

A Menina: Como ela estava?

O Menino: Muito velha, muito azul, muito fria.

A Menina: Eu estou azul?

O Menino: Não... e eu?

A Menina: Não. Eu estou de que cor?

O Menino: Cinza... e bege... enfim, bege-cinza... ahn... cinza-bege.

A Menina (*rindo*): E você está todo cinza, todo enrugado que nem um...

O Menino (*interrompendo*): E aí, o que é que a gente faz?

A Menina: A gente espera!

O Menino: Como é que acontece?

A Menina: Um anjo com asas de verdade traz a alma numa almofada de seda.

O Menino: Como é que você sabe?

A Menina: Aprendi no catecismo.

O Menino: Você já viu um, um de verdade, um anjo?

A Menina: Não, aprendi no catecismo.

O Menino: Sim, mas, se você não viu, não quer dizer que é verdade.

A Menina: Me disseram que sim.

O Menino: Não se pode ter certeza... para a alma.

A Menina: Sua avó morreu de verdade?

O Menino: Morreu, de verdade... Quer dizer, não sei... Ela não voltou, quer dizer, ainda não! (*Silêncio*) Seda é o quê?

A Menina: Não sei.

O Menino: Aqui não tem seda.

A Menina: Acho que não. Só tem capim e água.

O Menino: E se não tiver seda, ele não vai poder trazer, o anjo, as almas.

A Menina: Não sei... A seda não deve ser tão importante assim...

O Menino: E se ele só trouxer uma de volta, uma alma?

A Menina: A gente vai dividir. (*Silêncio*) Você pensa nela, na sua avó?

O Menino: Não.

A Menina: É mesmo?

O Menino: É.

A Menina: Você não gostava dela?

O Menino: Gostava. Não, não quero... desse jeito eu não fico infeliz.

A Menina: Eu não ia gostar que não pensassem em mim.

O Menino: Pensar não serve pra nada.

A Menina: Tem razão. (*Silêncio*) Está com fome?

O Menino: Sim, um pouco.

A Menina: Não estamos mais mortos?

O Menino: Estamos, um pouco ainda.

A Menina: O anjo deve ter vindo.

O Menino: Não vimos ele.

A Menina: Não estávamos olhando pro lado certo.

O Menino (*um pouco irritado*): Sim, é isso... Não estávamos olhando pro lado certo.

A Menina: Você tem...

O Menino (*interrompendo*): Cala a boca logo!

A Menina: Você ainda quer estar morto?

O Menino: Você me deixa tonto com essas perguntas... Não sei, não sei... Vem (*ele a arrasta até o meio do rio*) Se deita, vou te levar pra passear.

A Menina: Não tem mais monstro?

O Menino: Não, a gente matou.

O Menino e a Menina (*em coro e rindo*): Pelo espírito santo e todos os santos do paraíso, o monstro, a fera, o lobo, pelo bem-te-vi cantor, perdeu a vida.

A Menina: Foi bom.

O Menino: Sim, foi bom.

A Menina: Vamos recomeçar?

O Menino: Não sei.

A Menina: Você não quer?

O Menino: Quero, mas as coisas, desse jeito, elas não voltam.

A Menina: Eu acredito. Depende se temos vontade... Talvez não igual, mas de qualquer modo. Leve, ora!

A Menina: Você acredita?

A Menina e o Menino (*olhando-se e sorrindo*): Sim, com certeza.

5. A escolha

As duas crianças estão na água. A menina se faz de prancha. O menino a leva de uma margem à outra. Ficam em silêncio no início, logo o menino começa a cantar. Estão sempre de mãos dadas.

O Menino: Está gostoso.

A Menina: Está.

(*Silêncio*)

O Menino: Você está com frio?

A Menina: Não... quer dizer, um pouco.

O Menino: Está com medo?

A Menina: Não. (*Silêncio*) Está gostoso.

O Menino: Está.

A Menina: Não tem mais monstro?

O Menino: Não.

(O menino continua a cantar.)

A Menina: Você está pensando na sua casa?

O Menino: Não.

A Menina: Você não é engraçado.

O Menino: Não tenho vontade de ser engraçado, estou pensando em depois.

A Menina: Pois eu estou pensando na minha mãe.

O Menino: Sim.

A Menina: E nas minhas irmãs.

O Menino: Sim.

A Menina: Você não consegue dizer outra coisa além de “sim”? Sim... sim... você me perturba.

O Menino: Não quero pensar, isso me perde, me perturba.

A Menina: Agora você falou muito! Estamos bem.

(Silêncio)

O Menino: Está ouvindo?

A Menina: O quê?

O Menino: O silêncio, o murmúrio do vento sobre a água. Eu venho muito aqui.

A Menina: Você sabia do monstro?

O Menino: Olha só isso, encontrei quando estava vindo.

A Menina: É a minha medalha! Eu tinha perdido! Eu estava correndo e alguma coisa me agarrou e me empurrou dentro do rio.

O Menino: Ah, o monstro, o lobo...!

A Menina: Sim, foi ele, com certeza.

O Menino: Tem muitos galhos quebrados, torcidos, por toda parte no caminho... Foi o vento, foi a chuva que sacudiram tudo.

A Menina: Não, foi o monstro, o lobo.

O Menino: É claro. Foi ele, com certeza. O que tem na medalha?

A Menina: Uma cruz, eu tinha perdido.

O Menino: Cruz é para os mortos.

A Menina: Não, é para proteger. Minha madrinha me deu.

O Menino: Proteger! Isso não te protegeu nada, eu te matei fácil.

A Menina: Prende pra mim.

O Menino: Não se mexe.

A Menina: Conseguiu?

O Menino: Sim, sim.

A Menina: Vamos, temos que voltar. (*Ela se levanta e sai da água. O menino nada diz e a segue*). Estamos ensopados, vão brigar com a gente.

O Menino: Nada demais!

A Menina: E então, eu sou sua irmázinha agora?

O Menino (*depois de um silêncio*): Sim... um pouco.

(*Ouve-se ruídos de passos e vozes de mulheres que chamam.*)

As vozes de mulheres: Ti Pierre! Jeannie!

(*Eles descobrem seus nomes respectivos.*)

A Menina: Você se chama Ti Pierre?

O Menino: Sim... você se chama Jeannie?

A Menina: Sim.

O Menino: É a sua mãe.

A Menina: É, ela está me esperando! Adeus, Ti Pierre, a gente se divertiu bastante.

O Menino: Sim... um pouco (*a menina se inclina, beija-o no rosto e parte correndo. Ele a vê ir embora, com a mão no rosto. Grita*) Jeannie... Jeannie... Você vai voltar? Jeannie... Eu te empresto o meu rio! Jeannie... Jeannie... a medalha, não perde a medalha...